

À minha mãe

Começo por me identificar. Sou a única pessoa no mundo que pode tratar a Prof. Ana Maria Brito por mãe – é um privilégio, diga-se. Depois de um breve passado como jornalista, enveredei por caminhos que sempre me foram familiares: os da tradução. E quis o destino que viesse parar, como estudante e, mais recentemente, como docente, à casa à qual a minha mãe dedicou 45 anos da sua vida.

E como os caminhos sinuosos da vida têm esta magnífica propriedade de se cruzarem com frequência, também o meu foi dar diretamente ao complexo e misterioso mundo da linguística.

Devo agora acrescentar que este texto não tem a menor ambição de ser um artigo científico, mas sim um testemunho pessoal, como filha, como prestadora de serviços linguísticos e como docente da FLUP – por esta ordem. E por este motivo, referir-me-ei sempre à Prof. Ana Maria Brito como mãe.

Soube, há muito pouco tempo, que um cardiologista perguntou à minha mãe o que era a linguística. Demonstração cabal da posição do estudo e do ensino da língua na nossa sociedade, pensei. Ninguém precisa de explicar a ninguém que um cardiologista é um médico especializado em doenças do coração. Mas este cardiologista em particular, um falante da língua portuguesa, um antigo estudante que aprendeu, evidentemente, a sua língua nativa e a sua gramática, não sabia o que era a linguística. A minha mãe fez o que sempre fez de melhor: ensinou, mesmo que por breves instantes.

Mas na verdade, mesmo para quem - como eu - já iniciou uma jornada por esses misteriosos caminhos da linguística, o nível de conhecimento, ou a complexidade do conhecimento, que a minha mãe acumulou ao longo da sua brilhante carreira (sobretudo) em sintaxe, nunca deixou de surpreender.

—

Enquanto estudante do Mestrado em Tradução na FLUP, conheci teorias como as de Hans Vermeer (1969) ou de Christiane Nord (1987), entre muitas outras, que, marcando uma tendência de meados do século XX, aproximavam o trabalho tradutivo a fenómenos de apropriação de uma

nova cultura, mais do que à passagem de um texto de partida para uma nova língua. Contrariando abordagens eminentemente linguísticas, a tradução evoluiu de uma abordagem *word-for-word* para o chamado *sense-for-sense*. Embora perfeitamente justificável – pela necessidade de nos fazermos compreender junto de um público-alvo com particularidades culturais distintas e expectativas específicas – estas abordagens foram deixando de fora – sem nunca excluir completamente – a componente da língua.

Mas como repito incessantemente aos meus alunos, e a todos aqueles que se interessam pela atividade da tradução, a correção e fluidez da escrita são o primeiro passo para obtermos compreensibilidade. E para isto, o ensino da língua é fundamental. Trata-se de conhecermos ativamente os processos através dos quais falamos/escrevemos instintivamente.

O enorme contributo da minha mãe para esse conhecimento é inegável.

--

Foram vários os caminhos percorridos para lá chegar. Começo, naturalmente, pelo estudo das orações relativas, tema principal da tese de doutoramento, apresentada à FLUP em 1987 e publicada em livro em 1991. Aqui, a minha mãe propõe, entre muitos outros assuntos, algo inovador e pioneiro: a introdução em português europeu de um SDET (sintagma determinante), ao invés do tradicional SN, para melhor explicar fenómenos de determinação em geral e as relativas restritivas em particular.

Alguns anos antes, a especialização em sintaxe leva a minha mãe a um marco fundamental: a escrita de vários capítulos na *Gramática da Língua Portuguesa* (1983), da Caminho, onde escreve sobre temas variados, desde as categorias sintáticas às frases relativas, passando pelas construções de subordinação e pela tipologia das expressões nominais. Organizada pela sua saudosa amiga Maria Helena Mateus e com a colaboração de várias autoras de renome, esta gramática contou com cinco edições e, numa nota mais humorística, até foi surpreendentemente nomeada – já na última edição, quiçá a mais conhecida – como uma boa opção de leitura (?) por Marcelo Rebelo de Sousa enquanto comentador da TVI. Uma obra de enorme qualidade e um *must-have* para qualquer profissional da língua portuguesa – mas não só. Em 2013 e 2020, escreveria também dois capítulos em coautoria com Eduardo Paiva Raposo na *Gramática do Português*, da Gulbenkian. Paiva Raposo, além de encabeçar a comissão

organizadora da gramática, foi, curiosamente, um dos orientadores da tese de doutoramento da minha mãe, a par do Prof. Óscar Lopes. Aqui, a minha mãe volta a abordar a estrutura do SN. Por um lado, faz a distinção entre os seus complementos, modificadores e adjuntos, além do fenómeno das nominalizações, e por outro, aborda o fenómeno da concordância.

Um outro objeto de estudo em anos mais recentes é a sintaxe do OI, particularmente os dativos e as construções ditransitivas. Em 2010, a minha mãe procura explicar estas construções, propondo que com os chamados “core dative verbs” o OI é selecionado como especificador, ao passo que o OD é selecionado como argumento interno do verbo, e descrevendo assim os diferentes comportamentos destas duas funções sintáticas, uma mais “marcada” pelo verbo (OD) do que a outra (OI).

—

Durante toda a sua carreira, a minha mãe procurou demonstrar que a Sintaxe é uma área com autonomia e que pode descrever muito mais do que uma mera distinção entre frases gramaticais e frases agramaticais, mas sendo também capaz de afetar o significado de um texto. Esta noção é, parece-me, paradigmática da importância do ensino da língua. E, em boa verdade, os fenómenos acima descritos (entre muitos outros) têm inúmeras aplicações práticas além do estudo da própria sintaxe. Apenas a título de exemplo, em tradução, saber a distinção entre uma frase relativa restritiva e uma apositiva tem implicações diversas ao nível da interpretação – o que afeta, naturalmente, a compreensibilidade do texto por parte de um público-alvo. Já as noções relacionadas com o SN são importantes para um tradutor no sentido de evitar eventuais ambiguidades estruturais, que prejudicam o texto ao criar uma duplicidade de sentido. Além disso, estas noções proporcionam um conhecimento detalhado das relações entre determinação e quantificação com a parte lexical das expressões nominais.

—

A tradução é, contudo, apenas uma de várias áreas de aplicação da linguística. A minha mãe sempre teve uma abordagem pouco normativa da gramática: mais do que “ditar as regras”, sempre teve enorme abertura para a mudança da língua e para a sua evolução. E por isso foi estudando, lendo, aprendendo, lendo mais um pouco, retirando o melhor de cada teoria, trabalho de investigação, livro ou artigo; foi experimentando e testando,

registando e descrevendo as suas conclusões.

Não é por isso de estranhar que tenha enveredado pelo ensino das variedades do português e por um estudo comparativo da sintaxe em várias línguas, em que pôde demonstrar semelhanças e diferenças, por exemplo, entre o Português europeu e o Português do Brasil; ou até de eventuais influências das línguas bantu ou dos crioulos no Português de Angola e no de Moçambique (para onde viajou, de resto, em mais do que uma ocasião).

Mais recentes, e não menos interessantes, são os apoios que prestou à área da Linguística Forense, área de enorme potencial académico, ou da Língua Gestual Portuguesa. Trabalhando com Rui Sousa Silva e com Celda Morgado, respetivamente, a minha mãe contribuiu para a criação de um curso em Linguística Forense na FLUP e desenvolveu vários trabalhos que denotam semelhanças (e diferenças) sintáticas entre a LGP e o Português (oral), bem como a existência de uma sintaxe própria da LGP.

—

A minha mãe foi de uma dedicação incedível à faculdade, ao ensino, aos estudantes e à língua portuguesa durante 45 anos de uma carreira recheada. Foram, afinal, dezenas de colóquios, congressos e conferências em três continentes e em variadíssimos países, milhares de alunos, milhares de trabalhos corrigidos com todo o pormenor, mais de 40 orientações de teses de mestrado e sete de doutoramento, a participação em duas gramáticas de excelência e cerca de 140 artigos publicados. Isto, além de todas as tarefas inerentes à direção de cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, à presidência do CLUP e à direção da Revista Linguística. E, acima de tudo, foram milhares de aulas, dadas sempre de pé, energeticamente, escrevendo e escrevinhando no quadro, literalmente, de uma ponta à outra. Desde criança que percorro os corredores da FLUP, e pelos vidros das portas sempre me habituei a ver a minha mãe, aos saltinhos, voz projetada, a fazer-se ouvir bem do lado de fora – ainda que não percebesse nada do conteúdo. As aulas dadas em tempo de pandemia, que não contam para este espólio, foram um meio-sacrifício, sentada, refém dos problemas de Internet e de Zoom que sempre a irritaram, mas que nunca, em momento algum, a fizeram perder o prazer de ensinar.

Mas há aspetos que a comunidade científica desconhece e que este testemunho, que, como referi, não tem a mínima ambição de ser um

artigo científico, pode esclarecer. Toda a sua vida profissional foi sempre conciliada com uma vida familiar marcada pela constante vontade de ajudar, de estar presente: para os meus avós, para a tia Lena e tio Carlos, que sempre a sentiram próxima, apesar dos 300 km que nos separavam; para a dispersa e vasta família Villas-Boas; para o marido, também ele um ilustre conhecido nos meandros da FLUP, para a filha única e para o genro; e, de há sete anos a esta parte, para as duas maravilhosas netas, Margarida e Constança, que tiveram a sorte de se depararem com a melhor avó do universo, que se preocupa, que cuida, que educa, que corre, salta, brinca e canta – e que também é, para que conste, uma excelente cozinheira e uma ótima costureira. E, acima de tudo o resto, um ser humano com tudo aquilo que um ser humano pode ter de melhor, mais do que merecedora desta e de tantas outras homenagens.

Cristina Brito Villas-Boas